



ROBERTA DE ABREU LIMA

# <sup>x</sup> O PLÁGIO NA ERA DIGITAL

Com o acesso fácil à informação na rede, a reprodução de conteúdo disseminou-se na academia — e pode ser um obstáculo ao avanço do conhecimento

**P**or quase duas décadas, o doutor em bioquímica Andreimar Soares, 45 anos, percorreu trajetória típica dos bem-sucedidos no universo acadêmico. Publicou 115 artigos científicos, foi laureado com prêmios, recebeu bolsas de estudos, orientou e avaliou dezenas de estudantes de mestrado e doutorado de todo o país. Também catedrático da Universidade de São Paulo (USP), na semana passada ele viu sua reputação desmoronar quando veio à luz a infor-



MATHEUS URENHA/A CIDADE

mação de que um de seus trabalhos, publicado três anos atrás na prestigiosa revista *Biochemical Pharmacology*, trazia imagens e gráficos copiados de outra obra científica. A própria ex-reitora da instituição, Suely Vilela, teve participação na pesquisa, mas apenas num trecho que concluiu-se. não era fruto de usurpação de ideias alheias. O caso, objeto de uma investigação da comissão de ética da USP havia um ano. não só manchou para sempre um currículo até então irretocável como custou ao acadêmico o emprego na universidade. Diz o reitor João Grandino Rodas, de quem veio a palavra final: "Que o castigo tenha um efeito pedagógico para os demais, espantando a praga do plágio".

Não se trata de um problema circunscrito à academia, mas que está disseminado por todas as áreas da pro-

dução intelectual, desde a Antigüidade. À luz da legislação, plagiar significa usurpar ideias alheias sem lhes dar o devido crédito, um ato passível de punição. Mesmo que o conceito seja cristalino, existem nuances na concepção de plágio, que variam segundo a área para a qual se olhe, e ainda certa subjetividade na sua interpretação. Nas artes plásticas, por exemplo, se os elementos da obra original são a essência da suposta cópia, considera-se plágio. Esse não é o caso de inspirações como a que teve o pintor Pablo Picasso (1881-1973) ao pôr-se diante do célebre quadro *Déjeuner sur L'Herbe*, do impressionista Édouard Manet (1832-1883). Nas reinterpretações do espanhol (foram ao todo 200 esboços com a cena do piquenique), veem-se claramente seus traços característicos. É isso que confere à obra

**FLAGRADO NA CÓPIA** O doutor em bioquímica Andreimar Soares perdeu o emprego na USP: punição exemplar

fone conteúdo autoral e faz dela algo original.

Na academia, o plágio vem sendo objeto de discussão desde o século XVIII, quando surgiu na Inglaterra a pioneira lei de propriedade intelectual. Ao proteger a autoria das ideias, ela proporcionava retorno financeiro, e por vezes renome, a seus criadores. Fomentou-se assim a produção de conhecimento, garantindo-se que cada obra funcionasse como uma etapa numa cadeia de inovação bem maior. O conceito básico persiste até hoje. Todos os casos de plágio em universidades afrontam a lei de direitos autorais — e constituem. não há dúvida, um ataque a um pilar sobre o qual se ancoram a inventi-

e idéias de outrem, só com o devido crédito. Essas instituições também já usam softwares feitos para atestar a originalidade dos trabalhos, vasculhando a rede em busca de eventuais cópias — sistema recém-implantado no Brasil pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pela Universidade Anhembi Morumbi. "Combater o plágio é trabalho que exige disciplina e persistência", afirma o diretor do programa de ética em pesquisa da Universidade de Michigan, Nicholas Steneck.

Todas as iniciativas serão inócuas se não se atentar para um fator pouco comentado, porém determinante para que o plágio se dissemine — o despreparo dos professores para as novas demandas do mundo digital. Explica o especialista Ryon Braga: "O acesso universal à informação exige outro tipo de professor, capaz de formular desafios intelectuais mais elaborados, que impossibilitem a cópia literal". O momento deve ser encarado como uma chance de deixar a zona da mediocridade onde a cópia prolifera. Em casos extremos, pasmem-se. alunos chegam até a pagar por trabalhos e teses acadêmicas já prontas, modalidade de plágio que cresce no Brasil junto com a própria inépcia do ensino — e é também impulsionada pela internet (veja o quadro abaixo). Enquanto os educadores fracassarem na tarefa de transformar a rede numa ferramenta em prol do aprendizado, será impossível eliminar definitivamente a transcrição cega e acrítica de textos que tanto assola as salas de aula.



**PLÁGIO OU INSPIRAÇÃO?** A célebre tela de Manet (no alto) foi reinterpretada por Picasso (acima): o traço marcante do espanhol confere a originalidade

### “PAGUEI PELA MONOGRAFIA”

Sem tempo para escrever a monografia de conclusão do curso de direito nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), em São Paulo, a hoje advogada C.R. decidiu pagar pelo trabalho pronto. Como havia ali trechos inteiros plagiados da internet, acabou flagrada pela professora e repetiu o ano. “Foi um vexame. Todo mundo ficou sabendo”, ela conta. Casos como esse insuflam um mercado que vem cres-

cendo e se profissionalizando com a presença da rede. Antes caseiro e às escondidas, o negócio de venda de trabalhos acadêmicos (desde aqueles para a graduação até teses de doutorado) hoje se propaga por dezenas de sites, em geral sem obstáculos jurídicos. Por falta de denúncias, os casos raramente chegam aos tribunais. São oferecidas comodidades inacreditáveis em se tratando de uma ati-

vidade ilícita, como pagamento com cartão de crédito e até boleto bancário, além de atendimento por e-mail ou telefone. O preço dos trabalhos, muitos produzidos por professores universitários, gira em torno de 600 reais. As empresas que prestam esse serviço tentam conferir uma fachada de legitimidade ao comércio ilegal praticado por elas anunciando algo como “fundamentação teórica” para os estudantes. Um mal que cabe às universidades tentar coibir.